

S - T - A - N - I - S

Pinóquio Gulliver Aladin
Chapeuzinho Vermelho
A Bela Adormecida
Cinderela
Sítio do Pica-pau Amarelo
Pequeno Polegar
Ali Babá
Alice no País das Maravilhas
O Patinho Feio
Branca de Neve

VIRTUALBOOKS

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



virtualbooks on line

The Virtualbooks logo features the word "virtualbooks" in a dark blue, lowercase, sans-serif font. To its right, the words "on line" are written in a smaller, lighter blue, lowercase, sans-serif font. The entire text is enclosed within a blue, horizontal, oval-shaped graphic element that tapers at both ends.

O Coelhozinho Astuto

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda.É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

O Coelho Astuto

Um coelho que passava sempre muita fome se metia quase todas as noites numa horta, onde cresciam as melhores couves de todo o lugar. De cada vez que entrava ali arrancava um pé de couve e, carregando-o para casa, o comia muito contente. Finalmente, as couves acharam que aquilo já era demais, e resolveram não mais tolerá-lo. Reuniram-se e combinaram prender o ladrão e castigá-lo severamente. Aquela que o capturasse seria nomeada rainha das couves.

A uma hora da madrugada todas se reuniram e se dirigiram com toda a cautela para o bosque onde morava o coelho. Cercaram a floresta, de modo que nem um rato podia escapar sem ser descoberto por elas.

O coelho percebeu que não podia fugir, e decidiu usar de astúcia. Apanhou uma agulha e linha, e ; coseu as suas orelhas no pescoço. Depois juntou todas as folhas que pôde e cobriu todo o corpo com elas. A seguir, valentemente, saiu saltando como uma rã, por cima das couves.

- Quem és tu? - perguntaram elas ao coelho.
Não me conheceis, suas couves idiotas? Eu sou a

grande rã que adivinha o tempo que vai fazer.

- E como será o dia de hoje?

Hoje o sol brilhará e fará calor.

- Por favor, querida rã, faz com que chova e sopra o vento! Assim o malvado coelhinho terá de sair do bosque, e poderemos caçá-lo!

- Sinto muito, mas hoje não pode ser. . . O tempo já está seco e quase cozido. Mas amanhã, minhas senhoras, eu lhe porei mais água, farei com que ele fique mais leve, e não deixarei que cozinhe de todo. Assim terão chuva.

Isto, como era natural, agradou muito às couves, que adiantadamente agradeceram ao coelhinho. Este soltou uma risadinha e escapuliu do bosque. Não se passou muito tempo, as couves verificaram que tinham sido vítimas de um logro. Raivosas; correram atrás do coelho e o alcançaram em pleno campo, quando ele se preparava para dormir a sesta.

Quando o coelhinho se viu cercado de inimigos que avançavam para ele sem lhe dar possibilidade de se defender, estendeu-se no chão, em todo o seu comprimento, como se tivesse morrido. Antes tinha apanhado uma pedrinha cinzenta, que colocou em cima do estômago. As couves se aproximaram e cheiraram o coelhinho por todos os lados.

- Estás morto de verdade? - perguntou uma delas.

- Acho que sim - sussurrou o coelho - O caçador malvado me deu um tiro. Ainda se pode ver a bala que me acabou com a vida.. . - E apontou para a pedrinha.

Ouvindo isso, as couves ficaram muito contentes, porque o coelhinho já ia morrer, e regressaram

depressa ò horta. Naquela noite, o coelho roubou a mais bonita de todas as couves e a devorou com grande alegria.

As couves se aborreceram ainda mais do que antes, e saíram de novo para capturar o coelhinho; encontraram-no sentado ao pé de uma árvore.

Quando as viu, o bichinho trepou depressa pela árvore e se escondeu no meio dos ramos. Mas as couves já o tinham visto.

- Desce depressa, senão iremos buscar uma escada e subiremos para prender-te.

Mas ele respondeu:

- Eu não sou aquele coelho que estais procurando. Ele não vive nas árvores. Eu sou o inofensivo esquilo, que nunca vos deu nenhum prejuízo...

Daquela vez as couves não se deixaram enganar.

- Desce, e então veremos se tu és mesmo o esquilo!

O coelho desceu, e no mesmo instante se viu cercado das couves. Uma delas apareceu com uma avelã.

- Parte esta casca! - ordenaram todas a uma só voz.

O coelho empalideceu de medo. Meteu a avelã na boca e apertou com toda a sua força, mas não pôde parti-la pela simples razão de que não tinha dentes de esquilo. . .

Então as couves riram muito dele e sacudiram suas grandes cabeças. Amarraram as patas do animalzinho e o levaram para ser julgado. Então o coelhinho começou a chorar ardentes lágrimas e se preparou para deixar este mundo. Mas antes ele pediu um favor às couves.

- Uma vez - disse ele - vi numa horta uma couve que se sustentava no chão com a cabeça, em vez de ser com os pés; foi a couve mais habilidosa que já vi em toda a minha vida! Tenho a certeza de que as senhoras poderão fazer facilmente o mesmo! Gostaria de apreciar uma vez mais tão maravilhoso espetáculo; depois morreria satisfeito!

As couves começaram a experimentar se podiam ficar com a cabeça no chão, em vez dos pés, mas todas as vezes perdiam o equilíbrio e rolavam no solo. Seus tombos eram tão engraçados, que o coelho, apesar da sua situação triste, ria a ponto de estourar...

As couves acabaram ficando zangadas, e muito coradas, gritaram:

- Isso de se equilibrar com a cabeça não é possível! Ninguém no mundo pode fazer tal coisa!

- Se o fizerem assim, claro que não! - respondeu o coelho. - Mas é que aquela couve inclinava a cabeça até o chão, depois punha uma das pernas para cima, e a seguir a outra. Se me soltarem um momento das minhas correntes, vou mostrar como é que se faz!

- Está bem, - replicaram as couves- mas se não o conseguires, terás de morrer duas vezes!

O coelhinho concordou e elas o soltaram. Quando se viu livre, ele apoiou as quatro patas no solo, se encolheu um pouco, adiantou a cabeça para a frente, e de repente deu um grande solto, pondo-se a correr!

As couves olharam uma para a outra, cheias de pasmo, e compreenderam que mais uma vez se tinham deixado lograr!

Mas, não se passou muito tempo, elas tornaram a capturar o coelho. Para isso abriram um buraco no solo, taparam-no com raminhos e folhas, e quando o bicho foi roubar, caiu dentro do buraco e não pôde mais sair. Depois as couves lhe amarraram uma corda à cintura e o puxaram da armadilha. Desta vez ele não escaparia!

- Minhas queridas senhoras.. . - gemeu o coelhinho.

- Desta vez tenho um último desejo, de verdade!

Fui educado na religião católica, e antes de morrer queria confessar meus pecados a um padre!

- De maneira nenhuma! - gritaram as couves. - Hoje tu não nos enganos! Serás levado imediatamente ao jardim, e lá te fuzilarão.

No mesmo instante todas as couves se dirigiram para o lugar indicado, arrastando o coelhinho. Este seguiu-as humildemente, e até parecia feliz, pois pelo caminho ia cantando:

"Atira, atira, não me matarás! Viva! viva! não me ferirás! Em troca, eu morreria, Se numa forca me pendurassem!"

Ouvindo-o, as couves exclamaram:

- Ah, sim? De modo que as balas não te atingirão, não é? Pois serás enforcado! Que achas disto?

O coelho começou a chorar e a gemer.

- Tem vergonha, coelho covarde! - exclamaram as couves. - Achas que tens o direito de dar um espetáculo desses, só por que vamos enforcar-te? - E continuaram a repetir: - Tem vergonha! Tem vergonha!

O coelhinho disse então, entre lágrimas:

- Não é por mim que estou chorando, é pelas senhoras. Uma vez uma cigana me profetizou que

todas as pessoas que me olhassem quando eu fosse enforcado, ficariam cegas de medo, e é por isso que sinto tanta pena das senhoras!

As couves se agitaram, muito inquietas.

- Não tem importância - disse por fim uma das mais velhas. - Nós taparemos os olhos, e assim não veremos quando morreres enforcado.

Ao ouvir esta solução, todas as outras couves, loucas de alegria, beijaram a que havia falado.

Depois apanharam folhas verdes e capim, e taparam com isso os olhos. Enquanto isto já tinham chegado à árvore onde iam pendurar o coelhinho. Mas como estavam com os olhos tapados, não podiam enxergar o astucioso pecador.

- Deus meu, estou com tanto medo! - exclamava ele.

Estás preparado? - perguntaram as couves.

Sim! - gritou o coelho. E rapidamente apanhou um tronco que estava no chão, tirou o nó corredeço do pescoço e pendurou nele o tronco.

- Pronto! - gritou o velha couve. E todos a um só tempo puxaram a corda, da qual pendia o tronco. Enquanto isto o coelhinho se afastou silenciosamente.

Quando, depois de muito tempo, as couves acharam que o criminoso já devia estar morto, então destaparam os olhos.

Ao verem o tronco pendurado na corda, sentiram uma grande raivo, porque viram que o esperto coelhinho tinha tornado a zombar delas. Fizeram um solene juramento de que da próxima vez, acontecesse o que acontecesse, ele não lhes escaparia.

Dali a mais umas horas descobriram o ladrão, que, sentado na janela da casa dele, merendava tranqüilamente.

- Boa tarde, senhoras couves - lhes disse ele. - Já estão voltando da execução? Foi interessante? As senhoras se emocionaram muito?

- Espera e verás, seu malvado! - responderam todos a uma só voz. - Desta vez não zombarás de nós!

- Sinto muito não poder abrir a porto para convidá-las a merendar. . . - replicou zombeteiro o coelho. - Mas é que perdi a chave. . . E agora, adeus. Vou para o cama descansar um pouco de tanta execução!

E tratou de se meter no interior do seu domicílio. As couves estavam indignadas. Colocaram sentinelas em todos os pontos estratégicos, porque estavam dispostas a apanhar o coelho.. . Algum dia ele teria de sair de casa, se não quisesse morrer de fome.

Depois de esperarem pacientemente durante várias horas, se abriu de novo a sacada e o coelhinho saiu, vestindo um roupão elevando na cabeça um gorro de dormir, e fumando um comprido cachimbo. Sentou-se numa cadeira e observou, sorridente, as couves reunidas lá embaixo. De tanta raiva, elas tinham ficado amareladas.

De repente, o coelho se pôs em pé de um salto e olhou para longe, como se estivesse vendo alguma coisa muito interessante. Depois tirou o gorro de dormir e exclamou:

- Bom dia, Senhor Hortelão! - O que deseja? Como? Não entendo. Ah, sim! Disse que deseja couves paro a mesa de seu patrão? Muito bem, venha até

aqui, e encontrará todas aquelas de que precisar! Poderá escolher as que forem mais do seu agrado, pois tenho umas lindas!

Mal as couves ouviram isto, puseram-se a correr com todas as suas forças, e regressaram à sua horta. O coelho, quando as viu correrem da maneira tão ridícula, tropeçando umas nas outras e caindo a todo instante, desatou em ruidosas gargalhadas. Quando as couves chegaram, sem fôlego, à casa delas, resolveram que, dali por diante, deixariam em paz o astucioso coelho, que em tantas ocasiões já havia zombado delas.

FIM